

INTRODUÇÃO À VIDA INTELECTUAL

Curso ministrado por Olavo de Carvalho

Terceira aula

SUCESSÃO HISTÓRICA DOS QUATRO DISCURSOS

Cada um dos Quatro Discursos desfruta de autoridade durante um certo período na história do Ocidente; por "autoridade" entendo a credibilidade que o público dá ao discurso da classe dominante (e esta em si mesmo).

1. O Discurso Poético surge com os primeiros oráculos, na noite dos tempos. É por excelência o discurso de uma casta sacerdotal. Nele estão vazados os Vedas, os poemas de Homero, o Tao-Te-King e demais livros sacros da China, e boa parte do Antigo Testamento. Caracteriza-se por insistir "relativamente muito pouco numa separação clara entre o sujeito e o objeto: o acento é antes colocado no sentimento de que o sujeito e objeto estão ligados por uma potência ou energia comum... comum à pessoa humana e ao ambiente natural... As palavras estão carregadas de poder ou de forças dinâmicas"; pronunciá-las "pode ter repercussões sobre a ordem da natureza"¹.

2. O Discurso Poético vai perdendo sua autoridade com a dissolução da religião grega tradicional a partir do séc. VII AC, com o advento do individualismo religioso e do culto de Dionísios, quando a poesia se torna instrumento de expressão de emoções individuais, perdendo vigência pública². O Discurso Retórico começa a tornar-se dominante com o estabelecimento da polis e sobretudo após a reforma de Sólon (séc. VI AC). Dissemina-se por toda a parte com os Sofistas, professores de oratória da classe dominante. Permanece dominante na Grécia, depois em Roma, até que o fim da República Romana (séc. I AC) suprime aos poucos sua utilidade pública. De força dominante, vai-se tornando objeto de pesquisa e de estudo escolar; a era da Retórica como ciência (já não como vigência pública) está definitivamente estabelecida com Quintiliano (séc. I DC)³.

2a. O advento do Cristianismo abre um interregno nessa evolução, com um revigoramento temporário da linguagem poética, que se tornaria, com os Evangelhos, dominante até pelo menos o fim da Era Patrística (séc. VI DC). Mas logo a tradição cristã seria arrastada pelo curso geral da evolução.

3. O Discurso Dialético, inventado por Sócrates (séc. V AC) e amplamente exemplificado nos Diálogos de Platão (para quem a Dialética era a ciência suprema), não se torna dominante (apesar de toda a expansão das discussões filosóficas no mundo antigo) antes do fim da Era Patrística (séc. VI DC), a partir de quando vai progressivamente se tornando o instrumento básico de unificação do pensamento e de afirmação da doutrina cristã sobre as heresias (os primeiros exegetas cristãos, como Tertuliano, raramente ultrapassavam o plano de argumentação

¹ Frye, N. *The Great Code*, pp. 44-45. Consultar ainda: R. Guénon, *Aperçus sur l'initiation*, cap. "La prière et l'encantation"; Fabre-d'Olivet, *La Langue Hébraïque*, Introd., e *Discurs sur l'Essence et la Forme de la Poésie*; Gusdorf, *Mythe et Métaphysique* e *Les Origens des Sciences Humaines*, cap. II; Vico, *Nuova Scienza*, e Croce, *Estetica*; Langer, *Filosofia em Nova Chave*, etc.

² cf. Zeller, *Outlines of the History of Greek Philosophy*, pp. 30-31

³ cf. Curtius, *Literatura Européia e Idade Média Latina*, pp. 68-69

retórica). O auge do prestígio da Dialética é alcançado em duas etapas: 1º na grande escolástica do séc. XIII (quando a linguagem da prova dialética é definitivamente assumida como roupagem "oficial" do dogma cristão) e, 2º, no idealismo alemão⁴.

4. O Discurso Lógico-Analítico, que Aristóteles, logo em seguida à morte de Platão, pretendeu impor como instrumento superior à Dialética, ficaria obscurecido pelo reinado da Dialética até o século XVI, quando o racionalismo clássico, com Spinoza e Descartes, procurará impor a autoridade de uma ciência integralmente dedutiva⁵; a idéia será levada adiante por Leibniz e, progressivamente reforçada pelos progressos da ciência física e matemática, alcançará um auge de prestígio no séc. XX, com o advento da lógica matemática, dos computadores, etc.

5. A cada transferência do eixo de prestígio, o discurso anteriormente dominante não desaparece, mas, mudando de lugar na atividade social, sofre profundas alterações internas. As mais notáveis foram as seguintes:

- A) Com o advento do reinado da Retórica, a poesia deixa de ser a linguagem coletiva de uma religião pública, para tornar-se a expressão de sentimentos individuais, ao mesmo tempo que se torna mais consciente de si como meio linguístico de expressão e se aprimora tecnicamente portanto. É o surgimento da poesia lírica grega, em substituição aos grandes épicos.
- B) A Retórica, ao perder a autoridade pública, sofre três grandes alterações: 1º, começa a ser objeto de sistematização científica, com Quintiliano (só se pode sistematizar num todo fechado aquilo que já não tem vigência histórica; e, comparadas à *summa* de Quintiliano, as Retóricas de Aristóteles e Cícero são apenas ensaios parciais e provisórios); 2º, começa a ser aplicada, já não só em discursos públicos, mas na comunicação privada (*ars dictandi*); 3º, começa a fundir-se com a Poética, num recenseamento abrangente dos tópoi, formando um amálgama de meios de expressão individual que dará origem a toda a literatura moderna⁶.
- C) Com o progressivo fortalecimento do discurso lógico-analítico (sobretudo a partir da fundação da primeira Faculdade de Ciências por Napoleão), o Discurso Dialético, acuado, acantona-se no domínio da História e das "Ciências Humanas", procurando aí defender-se contra o avanço do método lógico-analítico que dominava o campo das ciências naturais. A Dialética torna-se uma interpretação integral da História, com Hegel e Marx. Seu conflito com o método lógico-analítico prossegue ainda hoje (marxistas versus neopositivistas).
- D) Durante o reinado da Dialética e, depois, mais ainda, da Lógica Analítica, a Poética vai-se tornando cada vez mais consciente de si como forma linguística, até alcançar, nos séculos XIX e XX, com Mallarmé e Joyce, a plena autonomia da forma linguística em relação a qualquer "conteúdo". O "fechamento" da Poética em si mesma dá a certas obras modernas um tom enigmático que simula o mistério, a linguagem mágica da poesia oracular. Mas não tem credibilidade pública nem se pretende que opere sobre a natureza. É o oráculo "vazio". É um fim de ciclo.

31 de maio de 1991

⁴ v. Royce, *Idealismo Moderno*, cap. III

⁵ cf. Gusdorf, *De l'histoire des sciences à l'histoire de la pensée*, pp. 198-9

⁶ cf. Curtius